

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ARTES VISUAIS

HENRIQUE DE SOUZA MIRANDA

**DESENHOS DE OBSERVÂNCIA**

Trabalho apresentado como  
conclusão da disciplina Projeto de  
Graduação em Artes Visuais II  
(Bacharelado).

Orientador: Prof. Dr. Marco Buti

SÃO PAULO  
2022

# Sumário

Um breve relato de processo	3
A Grande Agonia	9
Reprodução digital do desenho	19

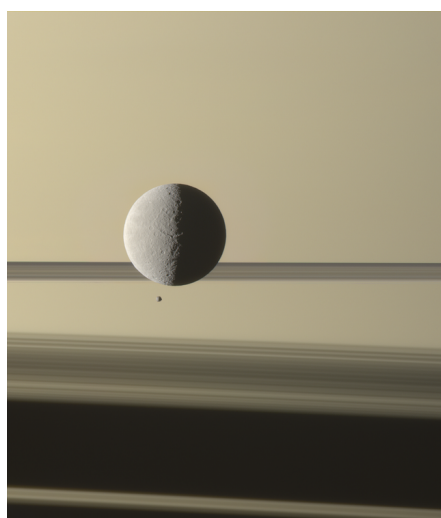
*Desenhos de Observância* foi desenvolvido como trabalho de conclusão de curso para o Bacharelado em Artes Visuais, entre 2021 e 2022. A primeira parte escrita, *Um breve relato*, deve ser entendida sobretudo como uma descrição geral do processo, com o intuito de esclarecer algumas das escolhas que foram feitas e providenciar informações que julgo serem relevantes à melhor compreensão do trabalho. Já a segunda parte, *A Grande Agonia*, é um conto de minha autoria, escrito e reescrito durante toda a minha graduação. O conteúdo do conto em si não é ilustrado diretamente pelo trabalho visual, nem vice-versa — no entanto, ambos partem do que identifico como sendo um mesmo desejo artístico.

Este documento contém uma reprodução digital do desenho. A obra original foi apresentada presencialmente apenas no dia da banca avaliadora.

## **Um breve relato de processo**

O trabalho visual consiste em uma obra única, que toma a forma de um mosaico, com dimensão de 1x1,5m e composto de 36 desenhos individuais em escalas variadas. Os desenhos em si foram feitos utilizando uma mistura de técnicas, incluindo lápis grafite, lápis de cor e tinta guache, sobre um papel branco granulado de 180 g/m<sup>2</sup>.

Cada desenho que compõe o mosaico é uma interpretação, adaptação ou releitura de uma determinada imagem fotográfica, selecionada dentre um acervo pessoal de imagens coletadas da internet ao longo dos últimos anos. Esse acervo continuou a crescer durante a realização deste trabalho, e certamente continuará a fazê-lo por tempo indeterminado. As fotografias que serviram de base para os desenhos têm em comum o fato de que capturam cenas múltiplas e diversas da infinita complexidade e variabilidade do cosmos e da natureza, não apenas como uma forma de documentação factual de um acontecimento, como também — e, no meu ver, sobretudo — imagens artísticas que enquadram e expressam o sublime. Fazem parte do acervo: fotografias que consideraríamos “normais,” por se aproximarem da escala do olhar humano, de animais e paisagens; imagens capturadas com microscópios de vários tipos, porém figurando mais notavelmente aquelas feitas com microscópios eletrônicos de varredura; fotografias de astros celestes tiradas por telescópios e sondas espaciais; e fotografias de fósseis de seres vivos extintos.



*Exemplos de imagens usadas como referência visual para os desenhos.*

Algumas imagens são valorizadas dentro do mosaico pela escala de sua ilustração com relação às demais; são, essencialmente, três modelos de dimensão para os desenhos que compõem o mosaico: 10x10cm, 20x20cm e 40x40cm (com a exceção de apenas um, que pediu uma proporção diferente, de 10x20cm). Resolvi tratar as imagens em tamanhos diferentes, pois a potência visual de cada uma me impactou com intensidades também distintas. É seguro dizer que as maiores são aquelas que mais me tocam, todavia é evidente que mesmo as menores também me são muito caras, simplesmente por terem sido selecionadas e incluídas na obra.

Além do aspecto das imagens fotográficas em si, outras referências visuais também informam a maneira com a qual trabalhei os desenhos e ilustrações. Principal entre elas é a tradição da ilustração científica. Meu interesse pessoal e íntimo pela ilustração científica vem

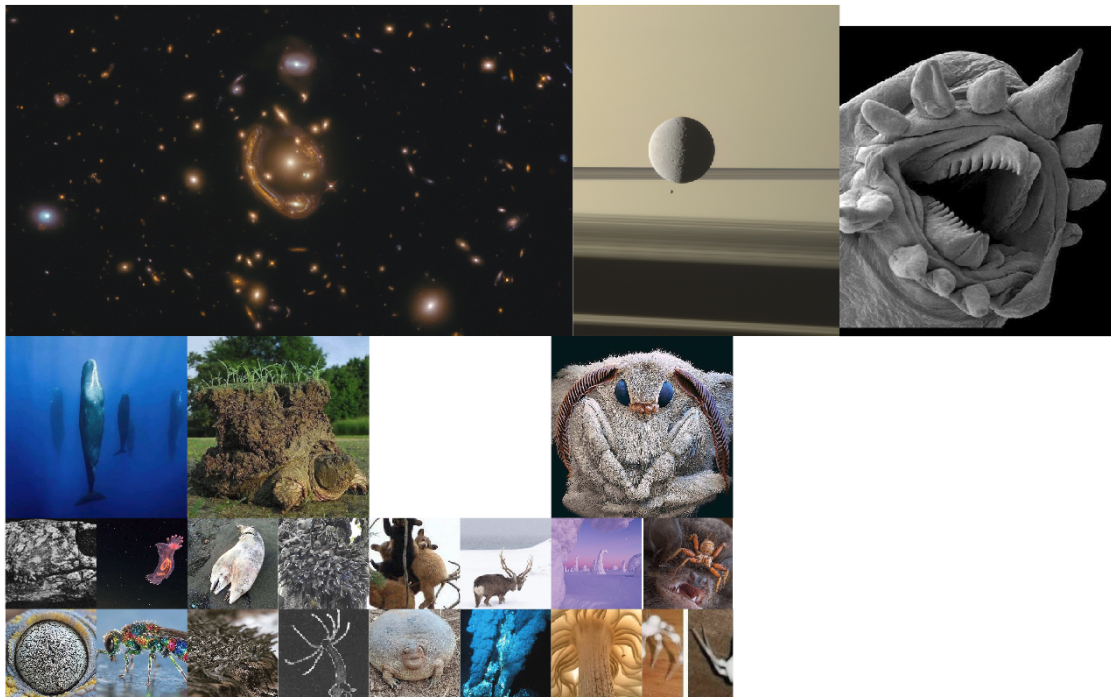
de entendê-la enquanto linguagem artística singular; desde os assuntos sobre os quais se debruça, até suas convenções formais e o lugar um tanto nebuloso que ocupa na história da arte. Ilustração científica é, como seu próprio nome indica, interdisciplinar, e me parece que chamá-la apenas de arte ou apenas de ciência é, em ambos os casos, insuficiente. Ela se mostra como uma terceira coisa, um campo de trabalho que mescla conhecimento científico e técnica artística de tal modo e a tal ponto que as fronteiras entre ambos se dissolvem umas nas outras, e se torna cada vez mais estranho falar do valor da linha sem dar de cara com a investigação do mundo natural que botou tal linha onde ela está. Apesar de minha produção ser de cunho distinto, tendo também uma relação forte com o contexto de imagens reprodutíveis, não deixo de enxergar meu processo como estando em diálogo com essa tradição, pois é através do meu desenho que exercito minha cosmovisão. Através da prática artística, me propus a descobrir até onde certos motivos da ilustração científica — e, por conseguinte, da própria ciência — poderiam ser deformados por poesia. É um exercício que já fizera uma outra vez, e cujo resultado também está incluso neste trabalho; o conto *A Grande Agonia*, que compõe a segunda parte escrita do meu TCC é uma ficção de cunho ao mesmo tempo místico e científico, através da qual eu tento fazer sentido da maior extinção em massa na história do planeta Terra. *Desenhos de Observância* é, de certa forma, uma continuação dessa linha de estudo artístico que comecei com *A Grande Agonia*, embora feita com outra linguagem e sobre outros temas.

Cada ilustração usa uma técnica ou combinação de técnicas específica, variando de acordo com as necessidades visuais de cada uma. Ainda assim, a grande maioria foi feita com mídias secas, essencialmente grafite e lápis de cor, uma vez que o lápis sempre foi a técnica com a qual me senti mais confortável em trabalhar. Por outro lado, a insistência no uso quase exclusivo do lápis grafite no início do trabalho — ainda antes dele tomar sua forma atual —, unida a meu próprio descaso com relação ao tempo e intensidade das sessões de desenho, acabou levando a complicações de saúde que marcaram o primeiro semestre de trabalho. Desenvolvi uma lesão no pulso direito por conta do esforço repetitivo, o que me provocou dores e limitou o movimento da mão por meses. Por esse motivo, foi necessário estender o prazo de realização do trabalho, anulando o primeiro semestre de 2021, no qual pouquíssimo pôde ser feito, tanto em razão da limitação física quanto por conta de crises de cunho mais emocional ocasionadas pela persistência das dores.

Foi apenas em meados do segundo semestre de 2021 que a visão para o trabalho atual veio a mim; me recordo ter sido enquanto revisava meu acervo de referências visuais, e o

mosaico me apareceu como uma possível síntese de todas aquelas imagens que já haviam passado tanto tempo guardadas, como se esperando o dia em que seriam resgatadas.

A princípio, fica evidente que o formato do mosaico é, de uma maneira destilada, o modo pelo qual eu mesmo me relaciono com meu acervo de imagens. Vê-las no computador, todas juntas dentro da sua respectiva pasta e em forma de miniatura, certamente há de ter influenciado a minha escolha. Por outro lado, também foi um veículo para expressar uma cosmovisão: todas as criaturas e fenômenos do cosmos estão em constante relação uns com os outros, tão fechados em sua singularidade quanto parte ínfima de um todo infinitamente expansível. Inclusive, a ideia de que o trabalho poderia continuar indefinidamente, adicionando cada vez mais elementos ao mosaico, foi em parte o que me atraiu ainda mais ao formato. Pois assim como o universo está em contínua existência, também meu trabalho continuaria em movimento, para além do que fosse possível cumprir dentro dos prazos da disciplina. Foi aí que encontrei o sentido poético que eu precisava para trabalhar.



*Esboço de como eu desejava que o desenho fosse composto, feito usando as referências originais durante o período em que eu não podia desenhar.*

Abandonei minhas primeiras ideias, as quais demandariam demais do meu físico e pareciam inviáveis no momento, e então me dediquei no princípio a esboçar as ilustrações do mosaico (enquanto isso, seguia com o tratamento médico por fora). Apenas quando fui

sentindo uma melhora na minha competência com o pulso foi que passei a dar acabamento aos desenhos — um processo que se iniciou vagarosamente, para não me sobrecarregar mais uma vez, e que foi acelerando ao longo do tempo. Em nenhum momento até agora houve uma recuperação absoluta do meu físico, no entanto é certo que as mesmas crises de dor não me afligem mais, nem mesmo após sessões mais longas de trabalho.

À medida que concluía o desenho em si, dando os toques finais, também passei a pensar na melhor maneira de reproduzi-lo digitalmente. A reprodução mostrou-se necessária para a devida apresentação do trabalho à banca analisadora, de modo que não fosse preciso entregar o original — algo em si inviável — para cada integrante. Também foi importante no âmbito de garantir que a obra possa ser vista posteriormente por outros, seja através da versão do trabalho que será disposta na biblioteca, ou a meu critério de divulgação em outros meios.

A reprodução digital que acompanha este trabalho foi feita no estúdio de fotografia do departamento de Artes Visuais, com a orientação indispensável da colega Gabriela Giannotti e do professor João Musa. Primeiramente, foi tirada uma foto do mosaico inteiro, e em seguida optamos por aproximar mais a câmera para registrar os desenhos individuais em mais detalhe, dado que algumas texturas se perdiam na reprodução total. O passo final foi o tratamento das imagens no computador para que elas se aproximassem mais da aparência do desenho visto a olho — um dos pontos que exigiu maior atenção foi o brilho refletido pelas superfícies trabalhadas com lápis grafite, o qual não foi possível remover na captura da foto em si.

Além de sua importância prática, o processo de reproduzir digitalmente o trabalho acabou inevitavelmente abrindo meu olhar para alguns dos aspectos visuais e materiais aos quais antes eu dava pouca atenção. Assim, a relação com o próprio trabalho mudou, e eu passei a compreender melhor como o desenho está longe de ser um objeto imutável, mesmo quando pronto, porque o tipo da luz, o ângulo de visão e uma série de outros fatores afetam a imagem que é vista. Reproduzir o trabalho, portanto, também foi um exercício de manipulação, pois os resultados que eu apresento não são exatamente o desenho em sua verdade absoluta, mas sim a maneira que eu prefiro que ele seja visto. Certamente, o original a ser apresentado no dia da banca será diferente — em certa medida mais “genuíno,” porém não menos influenciado pelas condições de luz e ambiente do local onde será exposto.

Assim, o trabalho final, tal como é apresentado, resultou de um processo longo e às vezes desgastante, informado a todo momento por necessidades práticas e limitações físicas

que o transformaram em algo completamente distinto da minha intenção inicial. Quando entrei em contato com meu orientador, professor Marco Buti, para discutir minhas ideias para o TCC, o que eu tinha era justamente isto: ideias, muitas delas, e eu pensava constantemente sobre os rumos que desejava para o trabalho. Esse pensamento excessivo, marcado pela ansiedade de produzir algo que “valesse a pena,” pode inclusive ter contribuído para a rotina pouco saudável de trabalho que levou à minha lesão. Em determinado momento, foi necessário parar de ruminar sobre o propósito do que eu estava fazendo, e apenas fazer, porque se não nada jamais sairia do processo exceto ideias do que o trabalho poderia, quem sabe, ser. Agora, apesar de tudo, posso dizer pelo menos que ele é.



# A Grande Agonia

A gente só viaja no tempo adentro. É verdade, meu primeiro antepassado me ensinou assim. Velho aventureiro que era, passava seus dias caçando fósseis debaixo do sol, e de noite ele os lia antes de dormir. De vez em quando, quando eu era menor, ia visitá-lo em seu casebre na floresta para ouvir histórias à luz de fogueira. Eu amava quando ele dava interpretações dramáticas da vida há milhões de anos, ou quando me recitava fábulas sobre trilobites no mar como se ele próprio tivesse ido até o passado se maravilhar diante deles. Aí, ele me dizia que tinha de fato ido e eu dava uma risada, porque é claro, apesar de gostar da sua prosa, não posso dizer que acreditava de coração em toda aquela literatura. Eu lhe perguntei uma vez como é que então ele fazia essas viagens, e ele me deu um sorriso de sabichão e me levou até a coleção de fósseis que mantinha no porão. Ali, ele me contou, sem mais nem menos, jazia sua preciosa máquina do tempo. Bastava que eu parasse para ouvir as palavras das ossadas e conchas para, quem sabe um dia, poder vislumbrar os mistérios que se ocultam dentro do nosso passado mais profundo. Vez ou outra eu fui embora de sua casa convencida de que meu antepassado era um tipo meio doido varrido. Sim, era bonito o jeito que ele falava, mas na escola eu já tinha aprendido que fósseis são só pedras interessantes e bonitas, objetos sim, mas nunca túneis.

Ninguém mais levava os anacronismos do meu primeiro antepassado muito a sério, eu parecia ser a única a sequer demonstrar interesse pelo que o velho coitado tinha a dizer. Além de mim, acho que raramente algum de seus outros descendentes ia visitá-lo; a maioria ou o esquecera, ou já renunciara qualquer parentesco com sua linhagem havia tempos. É que ele tivera nome de respeito, uma vez, antes de se deixar consumir pelos fósseis em sua coleção. Um grande cientista, segundo seus antigos colegas... só uma pena que delirou no fim da carreira. No começo, ele só demonstrava um desejo obsessivo de desbravar os mistérios do passado, nada tão preocupante, desde que ele ficasse na sua. Passado certo tempo, entretanto, meu antepassado já não parava de tagarelar sobre como faria para pôr o espírito em sintonia com a Terra, porque é ela própria o tempo decantado. Ele tentou de tudo para que suas ideias ganhassem tração entre seus pares, mas ninguém estava disposto a arriscar o próprio futuro em troca de uma chance minúscula de bisbilhotar o passado. Afinal, não é como se meu

antepassado estivesse tão à frente do seu tempo, porque à frente há até quem escuta, acredita e segue nos passos; o problema é que ele estava mais é para o lado, sei lá se meio torto, largado esquecido num canto. Para quem vivia de bom senso, todo aquele seu papo de respirar junto com o solo não passava de um tremendo absurdo. Pois quem, no nosso tempo, é que vai querer perder tempo ouvindo ideia nova para se definir "tempo"? Está bem, já sabemos que a Terra fez seu quarto bilionésimo quingentésimo quadragésimo milionésimo aniversário recentemente, mas não faz sentido que nós troquemos nossos calendários só para acertar as contas com o relógio de quem está morto a milênios debaixo dos nossos pés. Haja tempo! Quem foi, já foi e o que é, apenas é. A vida segue.

Já eu, no meu âmago eu sempre quis que fosse verdade. As histórias doidas, dos trilobites aos mamutes e todas as outras criaturas que viviam na cabeça do meu primeiro antepassado. Quando comecei a crescer, também as minhas visitas a seu casebre passaram a ser menos frequentes, muito embora meu carinho por ele continuasse quente como sempre fora. Por isso mesmo que me devastou tanto a notícia de seu repentino e total desaparecimento. Noite após noite eu passava insone, sem saber aonde é que o velho poderia ter se enfiado. As buscas oficiais foram curtas e nunca deram em nada, talvez por desesperança, provavelmente por falta de paciência. Como já disse, não é como se houvesse uma família louca para revê-lo... mais fácil que nossos parentes tenham dado um baita dum suspiro de alívio assim que ficaram sabendo que o velho se fora de vez. Mas para onde? Para quando?

Reza a ciência que, duzentos e cinquenta e dois milhões de anos atrás, onde hoje é o coração da Sibéria, uma erupção vulcânica de mais de quatro milhões de quilômetros cúbicos de magma causou a maior extinção em massa na história do planeta Terra. Num piscar de olhos, os galhos de quase noventa e seis por cento de todos os seres vivos foram podados diretamente da árvore da vida e incinerados, sem mais nem menos. Foi de verdade o fim do mundo em sua mais próxima ameaça, nada até ou desde então se compara. Alguns chamaram essa extinção de uma "Grande Agonia," você acredita? Que drama. Houve noites nas quais o meu antepassado me contou que um dos seus maiores desejos sempre foi o de visitar essa época proibida, nem que fosse para ver com os próprios olhos se a coisa havia de fato sido tão dura assim. Aí eu me toquei que o teimoso viajante no tempo tinha finalmente ido realizar o seu sonho.

Sedenta em busca de alguma pista sobre seu desaparecimento, dirigi até seu casebre, onde encontrei, espalhados pelo porão, inúmeros fósseis etiquetados com a data fatídica: duzentos e cinquenta milhões de anos no passado, no limiar entre os períodos geológicos do Permiano e Triássico, quando aconteceu a Grande Agonia. Talvez o meu antepassado se perdera nas matas pré-históricas e se esquecera do caminho de volta para casa, ou talvez ele fora devorado por uma fera sem nome, ou ainda, provavelmente, morrera soterrado pela grande erupção. Pouco importava. Eu estava sozinha diante daquelas rochas antiquíssimas, lá no laboratório dilapidado do meu querido velhinho, onde ele um dia fez uma mágica acontecer e sumiu da face do nosso tempo. A única tarefa que me restava, pois, era que eu regasse a imaginação que ele me presenteara tantos anos atrás, a trilhar minha própria jornada pelo passado profundo à procura da sua voz. Para isso, eu precisaria aprender a viajar no tempo do zero, e para minha sorte, os cadernos bagunçados do meu antepassado estavam todos intactos no porão, detalhando passo a passo como eu faria para construir uma máquina do tempo dentro da minha própria cabeça.

Nem todo mundo sabe, mas o tempo é meio mesquinho. É verdade! Ele gosta de turvar sua verdade até mesmo diante dos mais xeretas. Isso aí é coisa das leis da física, da entropia: não dá para recobrar a alma de um mundo já ido, porque seu calor é irreversível. Acontece que o passar do tempo pela matéria deixa rastros, migalhas, farelos numa miríade de diferentes línguas. Tais rastros, ora nós os encontramos na fatia de um pico exposto, ora na tumba de uma caverna colapsada, ora preservado lindinho numa pedra de âmbar dourado. Escolhemos chamar de fósseis essa sorte de achado, no entanto, trata-se na verdade do tempo manipulando o próprio testemunho de si, sempre autoritário porque sabe que nós, seus caros leitores, não temos opção exceto confiar na sua narrativa. Você sabe, muito menos de um por cento de tudo o que já aconteceu será preservado na forma de um fóssil, então pouco importa o quanto a gente se esforce para escavar até os confins da terra, não vamos nunca poder voltar inteiros para todos os ontens da nossa história. Felizmente, se tiramos um tempo para aprender o alfabeto do tempo, nos tornamos capazes de interpretar seu código secreto, e, assim, do jeito que der, nós especulamos e imaginamos sobre o que pode ter vivido nas profundezas do passado.

Reuni os fósseis que jaziam largados pelo porão e sentei-me no meio deles, respirei. Despida do pouco hubris que me restava, tornei-me só mais uma dentre outras conchas, cascos e crânios, um fragmento do tempo do meu próprio jeitinho, pele, sangue e osso. Horas e mais horas eu passei escavando todo gênero de histórias malucas direto dos fósseis, e a cada

palavra que eu desenterrava, então mais um metro quadrado dos meus arredores alucinava um pedaço do tempo profundo, pouco a pouco, feito uma selva pré-histórica sonhando uma existência dentro do porão do meu antepassado. Uma vez rodeada de arcanas acácias, ouvindo o gorjeio de grandes insetos, adormeci de coração trêmulo aos pés da nossa selva, minha e do meu antepassado. Na calada da noite, raízes e vinhedos me contornaram de corpo inteiro, me carregaram até à beira do tempo na sua forma primordial, imenso lago antes de tornar-se rio. Arremessei um cascalho cintilante e vi a superfície estrelada d'água ondular, refletir e refratar as marolas da minha presença para frente, para trás, para o lado, adentro. Molhei e dancei meus pés nas margens daquela essência temporal, aí devagarinho eu me imergi, submergi, completa até que meus cabelos se tornaram algas e minha pele decantou que nem areia numa espiral infinita, contando os anos, contando os milhões e milhões de anos. E aí eu entendi que nunca foi sobre atravessar o tempo, porque eu deixei o tempo viajar em mim, e quando eu acordei de novo estava encharcada de dias e décadas, duzentos e cinquenta e dois milhões de anos antes de eu nascer.

O que eu vou contar aqui para você é só a minha viagem, a lembrança que ficou comigo de tudo o que senti naquela era da vida antiga. Então é provável que eu acabe misturando um pouco os fatos, ou te pedindo uma licença poética, de vez em quando... Só saiba que se eu estiver realmente errada, isto é, se a ciência vier a me provar absolutamente louca sobre o que estou prestes a falar sobre a Grande Agonia, então as palavras que aqui se seguem haverão de ser apagadas bem na raiz do sentido onde foram escritas, para que nunca mais ousem existir.

Abro os olhos e vislumbro uma noite tardia de indecifrável silêncio. Num primeiro contato, eu diria que viajar no tempo profundo é que nem mudar de casa. É esquisito, é assombrado, mas lá há uma família aconchegante à qual se apegar e logo mais, logo menos, nós nem sabemos onde ficava o banheiro do lar antigo ou quantos passos a gente dava do quarto à sala. Tem um ar diferente, mas é ar; tem um mar, diferente, mas ainda é mar e tem terra, diferente, mas será para sempre Terra.

Ergo a cabeça em direção à abóbada celeste, a quem mal reconheço. Ligeiramente mais próxima em seu abraço orbital, a Lua pulsa um tantinho maior e mais argêntea no céu, iluminando minha trilha pela floresta de samambaias. Tento guiar-me pela posição dos astros, porém as demais estrelas na vizinhança galáctica desenham um distinto e convoluto mapa de constelações, inteiramente inútil aos astrólogos e navegadores do meu povo. Tão mais

inefável, o ângulo dando vista ao buraco-negro-supermassivo no núcleo da Via Láctea também aparenta outro, creio que para a tristeza dos fotógrafos de natureza que não vão nunca poder viajar tão longe no tempo a ponto de capturar este horizonte cósmico mais ingênuo. Não me leve a mal, seria meio ridículo se eu reduzisse o universo, nosso sistema solar, ou até mesmo o próprio globo terrestre à inocência da idade infantil, porque já haviam todos crescido alguns bilhões de anos, sem dúvidas. Todavia, não há como negar que a termodinâmica era minimamente menos caótica e, portanto, digamos assim, por linhas vagas, que as coisas eram um bocadinho mais simples.

Sinto na pele os ventos cortantes que uivam pelas planícies e cordilheiras da unívoca Pangeia, mãe solitária de todos os nossos continentes e filha orgulhosa de outros já idos. Tão imensa é sua extensão, que a umidade proveniente do ininterrupto oceano Pantalássico que a cerca é meteorologicamente incapaz de levar chuva até seu coração; o resultado é uma enorme expansão desértica onde nada verde cresce, e o Sol escalda sem dó. Cabe aos épicos marítimos frear a seca conquista de tamanha aridez com suas brisas tempestuosas, fertilizando, assim, diversas selvas e savanas por toda a periferia da orla. É justamente nas trincheiras dessa aula de geografia onde a maioria dos seres vivos de duzentos e cinquenta milhões de anos atrás se espreme para existir.

Por algum motivo que há de ser meramente estético, o cosmos dita que a aparência das formas de vida há de revolucionar-se constantemente, de modo que a diferença entre a ecologia de um tempo com relação a outro é o que mais expõe a estrangeirice de quem viaja entre eras. Para as minhas sensibilidades modernas, os besouros do tamanho de uma palma, as árvores sem flor, as salamandras gigantes com cabeça de flecha e os répteis massivos feitos de bois compõem a cena de uma paisagem alienígena. Tentar insinuar para qualquer um desses seres o futuro terrível que lhes aguarda seria uma intrusão rude e deveras anacrônica da minha parte. Não dá para impor lembrança numa história que precisa ser escrita do seu jeito, até porque não adianta, ninguém nem entende a profundidade de uma meditação vulcânica antes de sua explosão. Pois as câmaras subterrâneas estão fervendo, lá dentro o manto borbulhando, até que a pressão atingirá seu limite e a crosta terrestre se dará por vencida desta vez. Pronto, que estoure o estrondo gutural! Só assim mesmo para despertar o instinto de sobrevivência das criaturas. Infelizmente, um barulhão desses já é em si o próprio clímax da tragédia e costuma representar, acima de tantos outros pavores secundários, o instante terminal a partir do qual ela não pode mais ser detida.

Ouço esse grave rompimento, essa quebra a ecoar pelos mil vales do mundo. Nos arredores do cume, enormes feridas irrompem no solo, fazendo transbordar a eterna carne do planeta em cachoeiras de lava incandescente. Uma bacia de rios infernais passa a jorrar seu inescapável dilúvio vulcão abaixo, pulverizando o luxo das matas em volta até não sobrar mais nada senão um novo tipo de deserto, mais cruel que qualquer imperador histórico. Nem sequer os recantos mais idílicos de Pangeia escapam das tempestades de fuligem e do forte bafo sulfúrico que as acompanha: cada pedacinho de céu ao redor do mundo será avassalado por ondas e nuvens de negro gás, até que o belo azul de nossas águas, antes responsável por identificar-nos em meio à imensidão sideral, dará lugar a uma densa camada de tristeza que vai pairar a bloquear o sol por cem mil gerações, século após século transformando folhas verdes em esperança e carne viva em ossos roídos à medula.

Como se tudo isso não fosse ruim o bastante, o pesado volume magmático reativa depósitos subterrâneos de carvão, incinerando-os repentinamente em um aquecimento global de dramáticas proporções. Não sou meteorologista, mas se tivesse que fazer uma previsão do tempo, seriam dias inteiros de ácida tormenta com um toque de eletricidade piromaniaca rasgando mil relâmpagos na atmosfera. E não vá pensando que é coisa tipo chuvas de verão, só que mais fortes, pois daqui onde estou, vejo um furacão atrás do outro corroendo montanhas, queimando as escamas, os troncos e as carapaças, de maneira geral baixando um julgamento cósmico sobre a evolução das espécies.

Com o peito apertado, tusso sem parar e me esforço para ir atrás das vítimas desse horrendo cataclismo. Ouço passos pesados e suspiros ardidos dos últimos répteis-meio-mamíferos com dente-de-sabre assombrando quietas, desoladas florestas de cinzas em busca de alguma carniça para satisfazer seu apetite esquelético. Ocultas na neve vulcânica, as silhuetas trêmulas de libélulas-gigantes e anfíbios bizarros batalham tragicamente para sobreviver naquele palco bege e lavado ao qual seus lares foram reduzidos. Já outros animais querem tentar escapar por via da costa, confiantes de que um banho de mar poderá fazê-los esquecer do pesadelo surrealista a consumir a terra firme. Quando chegam em bandos à praia, os majestosos lagartos-bochechudos urram uníssonos, desesperados perante os cadáveres de tubarões-da-mandíbula-espiral quebrando na crista oleosa de bilhões de algas e protozoários mortos. Aos seus pés, peixes e crustáceos dos mais variados contornos jazem encalhados em fétidos lençóis pela areia, estendendo uma paisagem bíblica até o limite de onde a visão alcança, e então mais um pouco. Mal sabiam os refugiados terrestres que,

debaixo d'água, a situação foi por ordens de magnitude mais dolorida. Lá, os efeitos colaterais da erupção renderam uma morte muito pior que fogo.

Só imagina o tamanho do azar: o caldeirão vulcânico quis abrir-se bem na região costeira, com vista para o mar, pé na areia e tudo. Aí não tem jeito, mesmo. Incessantes enchentes de lava despejam sua destruição nos rasos mares adjacentes, invadindo-os com aquela sua matéria amorfa, indecisa, extremamente quente e poderosa. Em contato com a água, o magma liberta colunas monumentais de metano das suas prisões bolhosas e infesta as correntes oceânicas com uma enxurrada de gás carbônico. Espremendo-se entre a água solvente, os vapores tóxicos começam a furtar o precioso éter oxigenado das comunidades marítimas, dando de comer só à cepa mais genocida de micróbios. Bactérias fotossintetizantes vão se proliferando nas condições odiáveis que cultiva a erupção, multiplicando-se sem limites e excretando levas ainda maiores de compostos sufocantes e corrosivos através do seu metabolismo apocalíptico. O pior de tudo é que, aqui, há duzentos e cinquenta e dois milhões de anos, a grande maioria da vida aquática tem uma composição química particularmente vulnerável ao novo teor ácido das águas. Conchas lindas e exoesqueletos intrincadíssimos vão se desfazendo um por um na minha frente, a tal ponto que até mesmo a razão áurea acaba também enlouquecendo.

E quem não boia até encalhar nas praias de Pangeia há de aceitar o convite da escuridão abissal, afundando quilômetros rumo às fontes hidrotérmicas e piscinas de salmoura que pouco se importam com o fim do mundo se destecendo lá em cima. Milhões de corpos se desmancham na queda, reduzidos a pouco mais que pálidos flocos de nutritiva, saborosa neve marinha, a decantar como nunca sobre o assoalho oceânico. A princípio, rola uma festa animadíssima entre os ecossistemas decompositores, deliciados durante este raro período histórico, quando quem se alimenta só de morte é que dá a volta por cima. Em breve, contudo, a fartura de tão gordo banquete acaba virando um exagero até mesmo para as legiões necrófagas, as quais, pela primeira vez na vida, têm que escolher seus pratos a dedo e deixar os cadáveres menos apetitosos de lado. Não há tempo de dar atenção igual para todos! É como se, de repente, a seleção natural passou a agir nos mortos ao revés dos vivos, incentivando as diversas carcaças de escorpiões-marinhos, tubarõezinhos-espinhosos, amonóides e trilobites a competirem entre si para ver quem é que teria o privilégio de apodrecer mais rápido e acabar de vez com aquele sofrimento.

Dá para entender, então, porque se diz de tão forte agonia. A natureza que resgato por aqui não se pode comparar, como sei que muitos poetas por aí gostariam de fazê-lo, com uma cidade ou uma ilha à base de um pequeno vulcão. A cidade antiga, que é só submergida e vê seus moradores petrificados em fábulas do cotidiano, não me parece nem sequer um acontecimento perto dos maiores perrengues pelos quais o planeta já passou. É um pó, um cílio no lugar errado. Pessoas imobilizadas pela lava fria são estonteantes, quem sabe até engraçadas, irônicas e sem dúvida muito trágicas, não me leve a mal... é só que a fossa no olho fóssil de quem foi largado às moções da mais longa treva de todos os tempos incorpora um gênero diferente de angústia, sabe? Porque a cidade à base do vulcão termina na explosão, passou a noite e já foi toda ela soterrada, o cume se acalmou, não tem nem hora para as consequências lerdas, milenares, tediosas de tão prolongadas, que levam a cabo uma extinção em massa.

Cem, duzentos, trezentos mil anos: as últimas gotas de lava pingam sem que o mundo as perceba e cem, duzentos, trezentos mil anos: os últimos ciscos de cinza nevam sobre as folhas de coníferas mais jovens, deixando entrever, copas abaixo, os velhos e quentes beijos solares inteiramente desconhecidos aos sobreviventes nativos da Grande Agonia.

Ué, mas é lógico que houve sobreviventes! Pequenos sobreviventes, nascentes! Eles quiseram tanto, mas tanto, mas quiseram e foi tanto, que nem quatro milhões de trilhões de litros de magma fervente puderam deter seu parto. Ao quebrar a casca dos ovos e se deparar com a paisagem desolada, a tonta prole imediatamente quis, só quis, logo de cara pedindo, entupida até à lágrima de um desejo ardente. Eu também choro, mas no meu caso, é mais pela sequele de uma gargalhada intensa. Deixa-me rir, poxa vida, eles eram só filhotes! O elemento frágil, aqueles pequeninos que devemos proteger com carinho, uns animaizinhos de olho grande e muito fofos que nem conseguem se virar muito bem por aí. Se dependesse do senso comum, eu chutaria que morreriam todos cruelmente, e que seusinhos se tornariam altares de sacrifício em oferenda à violência apática do vulcão. Mas nós estamos aqui conversando, então não foi bem assim que as coisas andaram. Até porque é nessa mesma pequenez dos bebês que identificamos um tipo único de esperança, uma esperança reservada exclusivamente à progênie, aos nossos filhos, a toda e qualquer criança, esses seres que saíram do ovo carregando nada mais, nada menos que o peso da vida nas costas. Vejo-me incumbida do legado da cria sobrevivente, como se uma mensagem secreta se fizesse escrita nos meus genes quando, sentada em silêncio, uma memória das últimas famílias de trilobites dispara para além do alcance das minhas primeiras pulsões. Esses artrópodes reinaram o



imaginário marítimo por duzentos milhões de ciclos, e bastou só a maior erupção vulcânica na história da vida na Terra para acabar com os seus sonhos. Ai, tristes trilobites! Não sou sua descendente, mas o que sinto por eles ainda é muito fundo, é impensável, é maior. Até hoje, eu ainda quero.

Tão perto espreitou o fim, mas há duzentos e cinquenta e dois milhões de anos ele não veio. Enxugo lágrimas ácidas das minhas bochechas e queimo a ponta dos dedos. Ao raiar de uma nova manhã, uma bactéria se divide com uma singela mutação genética a mais. Pela primeira vez desde a erupção siberiana, a taxa de biodiversidade do planeta aumentou, e um renascimento dos dias de ouro foi preconizado. Pouco importa o nome científico da espécie a quem pertenceu essa mutação revolucionária — o que que importa mesmo é que sua teimosia inspirou as demais quatro por cento de diferenças genéticas sobreviventes a pressionarem o porvir, e elas também foram lá e cresceram. Assim mandou a mãe natureza: que os seres vivos corressem atrás de toda e qualquer oportunidade de fazer uma vida para si. Daí em diante, é só a beleza da seleção natural atuando em sua instância mais crua e despirocada. Minha nossa, como foi doido! Desafiando qualquer noção de bom senso evolutivo, as formas de vida do pós-extinção tomaram para si as formas e dinâmicas ecológicas mais bizarras possíveis, quase como se numa tentativa de sublimar para sempre o trauma da sua Grande Agonia. Crocodilos bípedes, lagartos pesqueiros com longos e sinuosos pescoços, leviatãs reptilianos de mais de cem toneladas, calangos com asas nas pernas, a lista vai e cresce. Até mesmo os primeiríssimos dinossauros apareceram no pedaço, espreitando timidamente o reinado que em breve herdariam para sua ninhada de futuros colossos e anjos plumados. Enquanto isso, em tocas e túneis subterrâneos, pequeninos meio peludinhos já se preparavam para dar muito leite à sua cria, da qual faço orgulhosamente parte.

Tateio aqui só a mais rasa superfície do tempo profundo. Já disse isto, mas é bom repetir, que o tempo é meio mesquinho, e não entretém a maior parte de nossas perguntas. Sim, é verdade, nós podemos sonhar junto dele, só que mesmo assim não teremos nunca a visão completa de todo o mundo que já aconteceu. Tais mistérios se reservam no sigilo só de quem os viveu, e eu sou separada dos meus ancestrais por algo de ordem muito maior do que meras diferentes caminhadas. A entropia nos designa.

A horrível conclusão que me sobra: se qualquer extinção em massa tivesse sido evitada, eu não existiria. Isso é óbvio, mas como diabos é que posso dar gratidão aos vulcões e asteroides, depois de tudo que eles fizeram? Afinal de contas, sou irmã de todas as formas de

vida hoje e sempre, também componho um capítulo nesta tragédia absurda que é ser de carne viva, frágil, e sou corpo. Fico com este gostinho amargo na ponta da língua, que em reflexo a tal fardo inescapável, minha própria gente parece vir se encarregando de uma extinção em massa de nossa própria autoria. Quiçá é uma tentativa insidiosa e todavia ingênua de deixar uma marca no tempo profundo, ou nosso grito nas pedras.

Diz-se muito por aí de erupções, meteoros, supernovas, a expansão do sol, jatos de raio gama, colisões intergalácticas, a morte calórica do universo e outras tais eventualidades mortíferas. Posso temer o devir iminente de uma catástrofe cósmica tanto quanto desejar, mas não acho que isso faz muito sentido no momento. Meu primeiro antepassado foi atrás de enigmas dessa ordem, mas acabou mesmo é se perdendo na selva, duzentos e cinquenta e dois milhões de anos atrás, incapaz de superar o futuro que sentiu. Suponho que foi tudo muito de verdade para ele, muito de frente, muito na pele. Essas coisas pegam na gente de um jeito que só não dá mais para erguer a cabeça, fazer as malas e voltar para casa de braços abertos. Alguma coisa fica lá, no tempo profundo, para ser escavada depois. Foi assim que achei meu antepassado, deitado nas cinzas da Grande Agonia, e carreguei-o de volta para a sua era. Soube que seus últimos dias foram bem difíceis, no leito... Não o vi muitas vezes durante o fim de seus tempos e nem sei quando foi a última história que nos contamos, ou se chegamos sequer a existir na mesma época. É certo que algum dia ele haverá de dar as caras por aqui de novo. O fim, digo. Há modelos cosmológicos para prever esse tipo de coisa, mas hoje eu já estou um pouco cansada. Quem sabe outra hora?

## Reprodução digital do desenho

